

TÍTULO	Setor Elétrico Carbono Zero: desafios e caminhos para o Brasil
VEÍCULO	Canal Energia
DATA	18/ago/2026
AUTORES	Alexandre Uhlig e Claudio Sales



 Eduardo  

Geração ▾ Transmissão ▾ Distribuição ▾ Comercialização ▾ Política ▾ Negócios e Empresas ▾ Operação ▾ Expansão ▾ Mercado ▾ Consumidor ▾ Leilão Artigos

Início > Artigos > Setor Elétrico Carbono Zero: desafios e caminhos para o Brasil



ALEXANDRE UHLIG E CLAUDIO SALES,
DIRETOR DE SUSTENTABILIDADE E PRESIDENTE DO INSTITUTO ACENDE BRASIL

Setor Elétrico Carbono Zero: desafios e caminhos para o Brasil

O desafio agora é construir um sistema elétrico capaz de sustentar a eletrificação crescente da economia, integrar novas tecnologias, garantir segurança de suprimento e manter preços competitivos



18 DE AGOSTO DE 2026, ÀS 14h TEMPO DE LEITURA: 4 MINUTOS

A transição para uma economia de baixo carbono deixou de ser uma agenda exclusivamente ambiental para se tornar uma estratégia de competitividade, segurança energética e desenvolvimento econômico. Poucos países reúnem condições tão favoráveis quanto o Brasil para ocupar posição de liderança nesse processo: a matriz elétrica brasileira já é uma das mais limpas do mundo, baseada predominantemente em fontes renováveis, especialmente hidrelétricas, eólicas, solares e biomassa. Essa característica confere ao país uma vantagem comparativa rara em um momento em que empresas e investidores buscam cadeias produtivas com menor intensidade de carbono.

No entanto, possuir uma matriz elétrica de baixa emissão não significa que a transição esteja concluída. Pelo contrário. O desafio agora é construir um sistema elétrico capaz de sustentar a eletrificação crescente da economia, integrar novas tecnologias, garantir segurança de suprimento e manter preços competitivos. O setor elétrico passa a ser protagonista não apenas por reduzir suas próprias emissões, mas por permitir a descarbonização de outros segmentos, como transportes, indústria e edificações.



***Alexandre Uhlig, do Instituto Acende
Brasil***

O problema é que essa transformação ocorre em um ambiente cada vez mais complexo. A expansão acelerada das fontes renováveis variáveis, como a solar e a eólica, impõe novos desafios operacionais. É preciso investir em transmissão, armazenamento de energia, sistemas digitais, resposta da demanda e mecanismos capazes de assegurar flexibilidade ao sistema elétrico. Ao mesmo tempo, cresce a necessidade de aperfeiçoar o planejamento energético e o ambiente regulatório para oferecer previsibilidade aos investimentos.

Há ainda outro aspecto frequentemente negligenciado. A transição energética precisa ser conduzida de forma socialmente sustentável. A expansão da infraestrutura elétrica demanda processos de licenciamento ambiental eficientes, respeito às comunidades afetadas, proteção da biodiversidade e segurança jurídica. O desafio não está em escolher entre proteção ambiental e desenvolvimento, mas em construir regras claras para todos os envolvidos a fim de conciliar ambos os objetivos.

Outro ponto central é o financiamento. Embora o Brasil desperte crescente interesse de investidores internacionais, o capital flui para ambientes regulatórios estáveis e previsíveis. Mudanças frequentes de regras, sobreposição de competências institucionais e insegurança jurídica elevam o custo dos projetos e reduzem a capacidade de atrair investimentos justamente quando o país dispõe de oportunidades extraordinárias em áreas como armazenamento de energia, captura de carbono e eletrificação industrial.

As implicações dessa escolha são profundas. Se conseguir transformar sua vantagem natural em liderança tecnológica e institucional, o Brasil poderá consolidar-se como fornecedor global de energia limpa, atrair investimentos, ampliar sua competitividade industrial e gerar empregos qualificados. Caso contrário, corre o risco de permanecer como exportador de recursos naturais, enquanto outros países agregam valor às tecnologias da transição energética.

A discussão também precisa ir além da expansão da oferta de energia. Um setor elétrico carbono zero depende de uma visão integrada que articule planejamento, inovação, infraestrutura, digitalização, mercado de carbono e desenvolvimento industrial. Exige políticas públicas coerentes e coordenação entre governo, reguladores, empresas, academia e sociedade civil.



Claudio Sales, do Instituto Acende Brasil

É justamente essa visão sistêmica que o Brasil precisa fortalecer. A transição energética não será resultado de uma única política, de uma tecnologia específica ou da atuação isolada de um setor. Ela dependerá da capacidade de construir consensos, reduzir incertezas no curto prazo e estabelecer uma agenda de longo prazo capaz de sobreviver às mudanças de governo e aos ciclos econômicos.

O país reúne todos os elementos para protagonizar essa transformação. Recursos naturais abundantes, experiência em energias renováveis, competência técnica e um mercado consumidor de grande escala constituem uma base sólida. O desafio agora é transformar esse potencial em liderança efetiva.

No dia 19 de agosto reuniremos em São Paulo, no XV Fórum Acende Brasil, líderes do setor elétrico para debater esses caminhos. Mais informações estão disponíveis em acendebrazil.com.br.

Mais do que discutir o futuro da energia, chegou o momento de decidir qual papel o Brasil pretende desempenhar na economia de baixo carbono. As oportunidades estão postas. O que fará a diferença será a capacidade de converter vantagens naturais em políticas públicas que tenham credibilidade, investimentos duradouros e inovação. O setor elétrico pode ser o principal catalisador dessa mudança desde que o país escolha construir, desde já, os caminhos para um futuro verdadeiramente carbono zero.

Alexandre Uhlig e Claudio Sales são Diretor de Sustentabilidade e Presidente do Instituto Acende Brasil